

Biblioteca Anarquista



# Teses sobre o anarquismo depois do pós-modernismo

Bob Black

Bob Black  
Teses sobre o anarquismo depois do pós-modernismo

Erva Daninha  
Tradução de célula zero Publicado em Protopia

**[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)**

1. Anarquismo, n.1. A doutrina que diz que a sociedade estatal é possível e desejável. Obsoleto. 2. Regra feita pelos anarquistas.

2. Anarquismo, compreendido corretamente, não tem o que fazer com padrões e valores em um sentido moral. Moralidade implica na ideia de que o Estado foi feito para a sociedade: uma limitação alienante na liberdade, e uma inversão de fins e meios. Para anarquistas, os padrões e os valores são melhores compreendidos – isto é, são os mais úteis – como aproximações, atalhos, conveniências. Podem sumariar alguma sabedoria prática ganhada pela experiência social. Então novamente, podem ser os servidores das ordens da autoridade, ou formulação útil que, em outras circunstâncias, já não servem a finalidade do anarquista, ou alguma finalidade boa.

3. Falar de padrões e de valores do anarquista, então, não é necessariamente sem sentido – mas envolve riscos, riscos frequentemente deixados de lado. Em uma sociedade saturada pela cristandade e suas tradições seculares, o risco é que o tradicional uso absolutista destas palavras moralistas impregnará a maneira de como os anarquistas as usam. Você tem padrões e valores ou eles têm você? É geralmente melhor (mas, naturalmente, não necessariamente ou absolutamente melhor) para os anarquistas que evitem o vocabulário traiçoeiro do moralismo e apenas digam diretamente o que querem, porque o querem, e porque querem que todos queiram. Ou seja, pôr as cartas sobre a mesa.

4. Como padrões e valores, os “ismos” anarquistas, velhos e novos, são considerados melhor como recursos, não requisitos. Eles existem para nós, não nós para eles. Não importa se eu, por exemplo, possa ter encontrado mais coisas no situacionismo do que no sindicalismo, visto que um outro anarquista encontrou mais coisas no feminismo ou no marxismo ou no Islã. Onde nós já visitamos e mesmo de onde viemos é menos importante do que onde nós estamos e onde, se em qualquer lugar, nós estamos indo – ou se nós estivermos indo ao mesmo lugar.

5. O “tipo 1” se refere ao anarco-esquerdismo. O “tipo 2” se refere ao anarco-capitalismo. O “tipo 3” se refere ao meta-típica. O anarquista “tipo 3” rejeita categoricamente a categorização. Sua “existência precede sua essência” (Sartre). Para ele, nada é necessariamente necessário, e tudo é possivelmente possível. Pensa que o imediatismo é demasiado longo. “Ela voa nas asas estranhas” (Shocking Blue). A esposa de Winston Churchill queixou-se uma vez sobre sua bebedeira. Churchill respondeu que tinha dado mais foras no álcool do que o álcool tinha dado nele. O anarquista

“tipo 3” dá mais foras no anarquismo do que o anarquismo nele. E tenta abandonar mais a vida do que a vida abandonar ele. Uma amável, pensativa e auto-afirmativa orientação predatória tem mais aplicações práticas que a ingenuidade e a imaginação do “tipo 3” lhe sugerem.

6. Primeiramente, a rejeição dos princípios da aplicação universal tem aplicações universais. Na prática, todo indivíduo tem suas limitações, e a força das circunstâncias varia. Não há nenhuma fórmula para o sucesso, nem mesmo o reconhecimento de que não há nenhuma fórmula para o sucesso. Mas a razão e a experiência identificam determinadas áreas de previsível futilidade. É fácil e aconselhável, por exemplo, os anarquistas se absterem da política eleitoral. É preferível, mas frequentemente não é possível, se abster do trabalho, embora seja geralmente possível se engajar em alguma resistência anti-trabalho sem correr riscos. Crime, mercado negro, e sonegação de impostos são alternativas muitas vezes mais reais, ou então se junte à participação no sistema do estado-sancionado. Todos têm que avaliar suas próprias circunstâncias com a cabeça aberta. Faça o melhor que puder e tente não ser pego. Os anarquistas já têm mártires demais.

7. O anarquismo está em transição, e muitos anarquistas estão experimentando a ansiedade. É muito fácil advogar a mudança do mundo. A conversa é fiada. Não é fácil você mudar a pequena parcela que tem contato. As diferenças entre as tendências anarquistas tradicionais são irrelevantes porque as tendências anarquistas tradicionais são elas mesmas irrelevantes. (Para as finalidades atuais vamos negligenciar o “tipo 2”, anarquistas do livre-mercado que parecem não ter nenhuma presença visível, exceto nos Estados Unidos, e mesmo lá têm pouco diálogo, e menos influência que o resto de nós.) A rede mundial, irreversível, e o longo-declínio da esquerda precipitou a crise atual entre os anarquistas.

8. Os anarquistas estão tendo uma crise da identidade. São ainda, ou somente, a asa esquerda da asa esquerda? Ou são algo mais, ou mesmo alguma coisa? Os anarquistas sempre fizeram muito mais para o repouso da esquerda do que o repouso da esquerda fez para eles. Todo a dívida do anarquista à esquerda foi há muito paga completamente. Agora, finalmente, os anarquistas estão livres para serem eles mesmos. Mas a liberdade é uma briga, prospecto incerto, visto que as velhas manias, os clichês e os rituais esquerdistas, são tão confortáveis quanto um par de sapatos velhos (sapatos de madeira inclusive). O melhor é que, desde que a esquerda já não representa qualquer tipo da ameaça, os anarco-esquerdistas

não estão em perigo quanto a repressão do estado quando recordam e reativam seus antepassados, glórias míticas. Isso é aproximadamente tão revolucionário quanto um fumante acabado, e o estado tolera ambos pela mesma razão.

9. Quão anárquico é o mundo, então? Por um lado, muito anárquico; por outro, de modo algum. É muito anárquico no sentido que, como Kropotkin argumentou, a sociedade humana, a própria vida humana, sempre depende muito mais da ação cooperativa voluntária do que de qualquer coisa às ordens do estado. Sob um severo regime estadista – a antiga União Soviética ou a cidade de Nova Iorque nos dias atuais – reger a si próprio depende de violações difusas de suas leis para permanecer no poder e manter a vida. Por outro lado, o mundo não é em todo anarquista, porque não existe população humana, qualquer que seja o lugar, que não é sujeita a algum grau de controle pelo estado.

A guerra é demasiado importante para ser perdida pelos generais, e a anarquia é demasiado importante para ser perdida pelos anarquistas. Cada tática é válida, por qualquer um que tenha inclinação a fazê-la, embora erros provados – tais como votar, proibir livros (especialmente os meus), violência gratuita, e aliar-se com a esquerda autoritária – são melhor evitados. Se os anarquistas não aprenderam como revolucionar o mundo, esperançosamente aprenderam algumas maneiras de como não fazê-lo. Isto não é bastante, mas é alguma coisa.

10. Falar de prioridades é uma melhoria no discurso dos padrões e dos valores, como a palavra incendiada com os excedentes moralistas. Mas, outra vez, você tem prioridades, ou as prioridades têm você?

11. O auto-sacrifício é contra-revolucionário. Qualquer um capaz de se sacrificar por uma causa é capaz de sacrificar qualquer outra pessoa por esta mesma causa. Consequentemente, a solidariedade onde exista auto-sacrifício é impossível. Você não pode confiar em um altruísta. Você nunca sabe quando ele pode cometer algum ato desastroso de benevolência.

12. “A luta contra a opressão” – que frase fina! Uma lona de circo grande o bastante para cobrir cada causa esquerdista, palhaçada de qualquer forma, e o menos relevante é a revolução da vida cotidiana, o melhor. Mumia livre! Independência para Timor Leste! Medicamentos para Cuba! Não às minas terrestres! Não aos livros sujos! Viva Chiapas! Salve as baleias! Nelson Mandela livre! – sem demora, já fizeram, agora são uma cabeça do estado, e irá a vida de todo anarquista ser sempre a mesma? Todos são bem-vindos sob o grandioso, com uma condição: que ele refreie

toda e qualquer crítica de todos os outros. Você assina minha petição e eu assinarei o seu...

Mantendo a imagem pública de uma luta comum contra a opressão, os esquerdistas escondem, não somente sua fragmentação real, incoerência e fraqueza, mas – paradoxalmente – o que realmente compartilha: aquiescência nos elementos essenciais do estado/sociedade de classes. Aqueles que são satisfeitos com a ilusão de comunidade são relutantes em arriscar perder suas satisfações modestas, e talvez mais, indo para as coisas reais. Todas as democracias industrializadas avançadas toleram uma oposição leal esquerdista, que é cumprida desde que os tolere.